

“POBRES NO ESPÍRITO”: COMENTÁRIO À PRIMEIRA BEM-AVENTURANÇA DE MATEUS (5,3)

“POORS IN SPIRIT”:

COMMENTARY TO THE FIRST BLISS OF MATTHEW (5,3)

João Luiz Correia Júnior¹

Luiz Alexandre Solano Rossi²

RESUMO

Quem são “os pobres em espírito”, citados na Bem-aventurança registrada por Mateus (5,3)? E a expressão “Reino dos Céus”, apenas utilizada por Mateus (enquanto os demais se referem a “Reino de Deus”), o que significa? Essas perguntas sempre são feitas por quem se aproxima dos estudos bíblicos, de modo mais profundo. Com o objetivo de responder a esses questionamentos, o presente artigo utiliza pesquisa bibliográfica especializada em Exegese e Hermenêutica bíblica de autores da atualidade. As conclusões apontam para o fato de que o testemunho do pobre de Deus se define, não por cultivar a pobreza, como um ideal de vida, mas por sua espera ativa do Reino e sua Justiça, já neste mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza; Jesus; Evangelho de Mateus; Solidariedade; Ética.

ABSTRACT

Who are "the poors in spirit", cited in Bliss, reported by Matthew (5,3)? And the expression "Kingdom of Heaven ", used only by Matthew (while the other ones refer to the "Kingdom of God"), which does it mean? These inquiries always question those ones who approach to the Bible Study more deeply. In order to answer to the inquiries, this article uses literature specialists on the nowadays authors biblical Hermeneutics and Exegesis. The conclusions point out to the fact that the testimony concerning God's poors is defining not by cultivating poverty as a life ideal, but by its active waiting for the Kingdom and its Justice, still, already in this world.

KEYWORDS: Poverty; Jesus; Matthew's Gospel; Solidarity; Ethics.

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ. Pós-doutor em Ciências da Religião pela PUC-GOÍAS. Professor pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE. E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

² Pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary) e em História Antiga pela UNICAMP. Professor da PUC-PR. E-mail: luizalexandrosi@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As breves sentenças conhecidas como “Bem-aventuranças”, encontradas no Evangelho de Mateus (5,1-12) e no Evangelho de Lucas (6,20-23), dão início a um discurso de Jesus que sintetiza toda a sua mensagem evangelizadora. Vejamos as duas, em paralelo, no quadro abaixo, a partir do texto em grego do NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR (2004) e da BÍBLIA DE JERUSALÉM (2002)³:

Mt 5,3	Lc 6,20b
Bíblia Interlinear	Bíblia Interlinear
Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, Benditos os pobres no espírito, ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν porque deles é o reino dos céus.	Μακάριοι οἱ πτωχοί, Benditos os pobres, ὅτι ὑμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. porque vosso é o Reino de Deus.
Bíblia de Jerusalém	Bíblia de Jerusalém
Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.	Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

O termo grego Μακάριοι /*Makáριοι* / é plural de Μακάριος /*Makáριος* /⁴, palavra que significa: “bem-aventurado”, “abençoado”, “ditoso” (MANIATOGLOU, 2010, p. 829); “feliz”, “bendito” (TAYLOR, 1991, p. 130); “aquilo que torna bendito”, conforme Tt 2,13 (RUSCONI, 2003, p. 293).

As “bem-aventuranças”, Μακάρισμος /*Makáρισμος* /, são caracterizadas como um dos gêneros literários neotestamentários, em forma de discurso, já conhecido no Antigo Testamento. “Pertence à ordem do anúncio, da

³ Neste artigo, utilizamos, de um modo geral a tradução da Bíblia de Jerusalém, em sua edição revista e ampliada (2002).

⁴ Μακάριοι /*Makáριοι* / é um nominativo plural do adjetivo masculino Μακάριος /*Makáριος* / (O NOVO TESTAMENTO GREGO ANALÍTICO, 1987, p. 11).

proclamação: felicitação para um estado de bem-estar ou anúncio de uma alegria futura” (CENTRO “INFORMÁTICA E BÍBLIA” ABADIA DE MAREDSOUS, 2013, p. 227).

Trata-se, portanto, de uma declaração formulada em frases nominais, de que uma pessoa ou um comportamento participa da bem-aventurança concedida por Deus. No Novo Testamento, há numerosos exemplos: Mt 5,3-11; 11,6; 13,16; 16,17; Lc 1,45; 6,20-22; 23,29; Jo 20,29; Rm 14,22; Tg 1,12; 1Pd 4,14; Ap 1,3; 14,13, 22,7 (LIMA, 2014, p. 201).

Pode-se distinguir dois tipos de bem-aventuranças na Bíblia: as de caráter sapiencial e as de caráter escatológico. Nas bem-aventuranças de caráter sapiencial, são congratulados os fiéis observantes da lei de Deus. Desse modo, uma vida de fidelidade e de obediência é considerada uma situação bem-aventurada. Por exemplo, no Sl 1,1-2: “Bem-aventurado o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores. Pelo contrário: seu prazer está na lei de Iahweh, e medita sua lei, dia e noite”⁵. As bem-aventuranças de caráter escatológico referem-se às pessoas que Deus salvará no dia de sua intervenção libertadora na história, inaugurando o Reino que desce dos Céus. Esse segundo tipo inspirou o Jesus do Evangelho segundo Mateus (5,1-12) e do Evangelho segundo Lucas (6,20-23). Ele se dirige ao seu povo: pobre e indefeso, aflito, injustiçado, misericordioso, puro de coração, pacífico, perseguido, para proclamar-lhes o alegre anúncio da chegada do Reino, por meio do qual Deus intervém na história para fazer justiça. Por isso Jesus se alegra com eles e os felicita, saudando-os já agora como bem-aventurados (BARBAGLIO, 1990, p. 110-111).

As bem-aventuranças, portanto, expressam a convicção de que outro mundo tem lugar no aqui e agora da história, um “reino”

⁵ Embora a Bíblia de Jerusalém (2002) utilize o termo “Felizes”, que está correto, preferimos utilizar, ao longo deste trabalho, o termo “Bem-aventurados”, terminologia mais conhecida na tradição bíblica e mais utilizada no âmbito da pesquisa e dos estudos bíblicos.

marcado por relacionamentos sociais reestruturados, assim como por recursos acessíveis e redistribuídos (CARTER, 2002, p. 175), um mundo em que, finalmente, os pobres são felizes por se verem contemplados em suas necessidades materiais, e dignificados em seus direitos inalienáveis de seres humanos.

Na narrativa de Mateus, esse “mundo alternativo” (Reino dos Céus) já começara a ser anunciado por Jesus antes mesmo do Sermão da Montanha (Mt 5 – 7), mais exatamente nas cenas registradas no capítulo anterior (4,12-13.17). Jesus, ao ouvir que João havia sido preso, voltou para a Galileia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, à beira-mar... A partir desse momento, começou a pregar e a dizer (Mt 4,17): [Μετανοείτε] *Convertei-vos*⁶, *porque aproximou-se o Reino dos Céus*”. É “convertei-vos”. Essa conversão, mudança de mentalidade (que sugere mudança de comportamento) é urgente porque o Reino dos Céus “aproximou-se”, ἤγγικεν / ēngiken /. De fato, o Reino dos Céus já chegou e está tão presente que se pode percebê-lo nitidamente, realizando-se diante dos olhos. Tudo isso ocorre num contexto dominado pelas forças armadas repressivas e pelo sistema econômico opressor do Reino de Herodes Antipas (Rei vassalo do Império Romano, que governou a Galileia e a Pereia de 4 a.C a 39 d.C.), o mesmo que acabara de prender o profeta João.

A partir desse contexto narrativo de Mateus, as bem-aventuranças ganham força pois sugerem uma mudança comportamental que vai na contramão da cultura dominante imposta pelo Império Romano; para tanto, faz-se necessário, objetivamente, a construção pedagógica de uma nova identidade e um novo estilo de vida. Assim, segundo avaliação de David A. Desilva, Makarismos⁷, como elementos que forjam nova visão

⁶ A forma verbal Μετανοείτε /metanoíte/, 2ª pessoa do plural do presente imperativo ativo do verbo grego μετανοέω /metanoô / (O NOVO TESTAMENTO GREGO ANALÍTICO, 1987, p. 10), significa “mudar de opinião”, “mudar de pensamento”, “mudar de mentalidade”, “converter-se” (RUSCONI, 2012, p. 305).

⁷ “Makarismos” é um termo derivado de Μακαρισμός / makarismós /, que significa “bem-aventurança”.

ideológica e nova identidade cultural, representam comportamentos e compromissos socialmente ideais, que seriam considerados honrosos por cultivarem relações interindividuais que defendem e promovem a vida das multidões espoliadas e excluídas (os pobres no espírito) pelo sistema vigente (2005, p. 112)

Analisemos, então, num crescendo, em três partes, os detalhes mais significativos da primeira bem-aventurança de Mateus: 1. “Bem-aventurados os pobres...”; 2. “Bem-aventurados os pobres no espírito”; 3. “Bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o Reino”.

1 “BEM-AVENTURADOS OS POBRES...”

No contexto histórico em que estava inserido Jesus de Nazaré, quem seriam esses “pobres” da bem-aventurança? E o que significa a expressão “pobres no espírito”? Como interpretar corretamente essa bem-aventurança?

No tempo de Jesus e no contexto histórico em que ele viveu, os pobres são pessoas empobrecidas, vítimas do sistema de extorsão promovido diretamente pelo Império Romano, ou indiretamente por meio das elites e governos locais subservientes ao Império. As primeiras vítimas desse sistema foram os camponeses. A partir deles, a pobreza se espalhou, alcançando índices consideráveis. É provável que, no contexto histórico das comunidades de Mateus e de Lucas, a situação dos pobres não fosse muito diferente, pois o Império Romano dominava da Europa Ocidental ao Oriente Médio. Wegner ratifica essa ideia ao afirmar que:

Fatores como a alta taxa de tributação e o direito de apropriação de terra alheia por insolvência, somados ao arbítrio dos soberanos na prescrição de sanções por não pagamento de tributos bem como no confisco ou distribuição de propriedades,

explicam a insegurança e o empobrecimento de largas faixas da população e, por consequência, o desemprego. (1986, p. 96).

Diante dessas considerações preliminares, podemos deduzir que a pobreza era algo provocado por agentes ligados ao sistema dominante, o Império Romano. A miséria a que estava submetida grande parte da população, provavelmente não era concebida pelos judeus como proveniente de alguma catástrofe natural, e muito menos da vontade de Deus. Pelo contrário, Iahweh, desde as origens do povo de Israel, sinalizava, através do Código da Aliança⁸, por exemplo, para o valor da igualdade e da justiça entre semelhantes: “*Não desviarás o direito do teu pobre [isto é, do pobre que se dirige a ti] em seu processo. Não aceitarás presentes, porque os presentes cegam até os perspicazes e pervertem as palavras dos justos. Não oprimirás o estrangeiro: conheceis a vida de estrangeiro, porque fostes estrangeiros no Egito*” (Ex 23,6-10). Assim, o Código da Aliança exige que se faça justiça para com o pobre, em sua situação de indigência, inclusive como imperativo ético, motivado por princípios religiosos. Em outras palavras, já se têm presente os rudimentos da intuição de que a pobreza é uma questão de justiça, e é para ser tratada nesse âmbito.

⁸ O Código da Aliança (Ex 20,22 – 23,19, de que 23,20-33 é apêndice) é assim chamado pelos modernos a partir da expressão “o livro da aliança” que Moisés lê para o povo em Ex 24,7. Na verdade o que ele lê é o Decálogo, mas isso denota que o CA é concebido como pertinente aos termos da Aliança do Sinai. Trata-se, portanto, de leis que Israel devia observar como obrigações decorrentes da Aliança. O CA é o mais antigo dos códigos depois do decálogo; alguns colocam-no antes do decálogo. No CA não se trata de uma vida nômade; logo, o Código pressupõe a posse de gado, cisternas, campos de trigo e plantações de vinha. Por outro lado, suas escassas referências à propriedade real e a ausência de referências a transações comerciais pressupõem um período anterior à monarquia de Israel (anterior ao século X a.C.). O CA é constituído de: a) leis civis e criminais, que mostram diversos pontos de contato com o Código de Hamurabi; são a adaptação israelita da lei que já era observada na Terra de Canaã (Ex 21,1 – 22,17); b) leis humanitárias e religiosas, que têm uma formulação diferente das anteriormente citadas; são com maior probabilidade especificamente israelitas (Ex 20,22-26; 22,18 – 23,19). O epílogo (Ex 23,20-33) pode ser comparado ao epílogo de Hamurabi e a outras coleções israelitas. (MACKENZIE, 1983, p. 537-538, verbete “Lei”).

No contexto do Antigo Israel, a única maneira de alguém enriquecer era tirando proveito das pessoas vulneráveis economicamente, e obtendo o controle das posses dos endividados (HORSLEY, 2004, p. 128). Por conta desse empobrecimento crescente da maioria, a partir dos relatos dos Evangelhos, pode-se inferir uma multiplicidade de maneiras pelas quais os pobres poderiam ser descritos: os pobres são os excluídos socialmente, os marginalizados religiosamente, os oprimidos culturalmente, os dependentes economicamente, os incapacitados fisicamente, os atormentados psicologicamente e os esmagados espiritualmente. Em toda essa classificação, encontramos seres humanos que são oprimidos ontologicamente; eles não são apenas os que não têm, mas também aqueles que “não são”. (SOBRINO, 2008, p. 48)

Na Galileia do tempo de Jesus, as características básicas dos pobres eram, de forma interligada, a impotência política e as apertadas circunstâncias econômicas. Por conta da inferência do Império Romano na região, os camponeses tinham uma marginalização econômica e isolamento cultural ainda sem precedentes. O principal problema era a ameaça econômica do modo de vida agrário tradicional provocado pela oligarquia urbana, devido à vulnerabilidade econômica de pequenos proprietários e trabalhadores assalariados. Há provas consideráveis de que, nesse contexto, surgiram muitas propriedades grandes de terra (latifúndio). Isso ocorreu porque grande número de camponeses que ficavam endividados eram forçados a vender suas terras para saldar as dívidas. Eles e seus filhos (que não mais teriam herança) se transformavam em diaristas marginalizados. Herodes, o Grande (37 a.C. – 4 a.C.), e seu filho Herodes Antipas (4 a.C. – 44 d.C.), empregaram muito dessa mão de obra excedente em obras de construção. O mais importante desses projetos de construção se refere à reconstrução do segundo Templo. Os trabalhadores, permanentemente desenraizados da terra, constituíam fonte de instabilidade em potencial. (MYERS, 1992, p. 79-80).

Nesse contexto, a expectativa das multidões excluídas é a de que irrompa finalmente na história os esperados tempos messiânicos: que a infelicidade dos desafortunados da opressão dê lugar à felicidade das bênçãos do Reino que vem dos Céus, da parte de Deus; que tal mudança de vida comece por meio da provisão de comida partilhada (Mt 14,13-21); que seja suficiente para todas as pessoas que estavam economicamente pobres e famintas; e que tais pessoas possam, exultantes de alegria, se sentirem amadas na presença de Deus e bem-aventuradas na vida (HORSLEY, 2010, p. 220).

A boa notícia da bem-aventurança anunciada aos pobres contempla, em primeiro lugar, a sua condição material. Não se trata de bens imateriais; as promessas feitas aos pobres incluem uma mudança da sua situação social e material (COMBLIN, 1989, p. 38). Isso ocorre porque Jesus não se refere aos pobres de forma abstrata; ele tem diante dos olhos os pobres com os quais convive no dia a dia de sua missão, ao percorrer as aldeias da Galileia. Nesse caminho tortuoso, marcado pela injustiça social, ele entra em contato com todo tipo de gente excluída do sistema: famílias que sobrevivem miseravelmente; pessoas que lutam para não perder suas terras e sua honra; crianças ameaçadas pela fome e pela doença; mulheres abandonadas e perdidas, que se veem obrigadas a vender seu corpo para sobreviver; mendigos desprezados por todos; pessoas possuídas de demônios, fragilizadas do ponto de vista psíquico; doentes físicos de diversos males provenientes diretamente das péssimas condições de vida, tais como desnutrição, escassez de água para consumo e higienização, doenças venéreas... Todos, sem dúvida, pobres, empobrecidos e marginalizados pela sociedade e pela religião (PAGOLA, 2010, p. 131).

Na primeira bem-aventurança, o termo utilizado para designar “os pobres” é οἱ πτωχοὶ / *hoi ptōchoi* /, nominativo plural do adjetivo masculino πτωχός / *ptōchós* / (O NOVO TESTAMENTO GREGO ANALÍTICO, 1987, p. 11). Interessante notar que a língua grega, segundo Taylor, em seu

dicionário do Novo Testamento Grego (1991, p. 168), faz uma distinção dentre *πτωχός* / *ptōchós* / e *πένητος* / *penētos* /. Ao traduzir este último termo, assim, explica: *πένης*, - *ητος*, significa “pobre” (até necessitar de trabalhar); *πτωχός*, pobre (até necessitar de mendigar).

Em outras palavras, a língua grega “consegue, melhor do que o latim ou a língua alemã, distinguir entre dois grupos de pobres, que hoje designaríamos como relativamente pobres ou absolutamente pobres” (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 110). A distinção é a seguinte: a) **os relativamente pobres** (*πένητος* / *pēnetos* /) são os que tinham de trabalhar arduamente e, muitas vezes, também executar atividades insalubres para suprir as próprias necessidades e a de seus familiares, com o mínimo necessário; b) **os absolutamente pobres** (*πτωχός* / *ptōchos* /), por sua vez, tinham de mendigar: passam fome e sede, vestem apenas farrapos, encontram-se desprovidos de moradia e esperança (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 113-114).

São exatamente os *πτωχός* / *ptōchos* /, os absolutamente pobres, a que se referem as bem-aventuranças de Mateus (5,3) e de Lucas (6,20b). Tais pessoas dependem da ajuda de outros para o indispensável à vida, obtendo-o, por exemplo, mediante a mendicância. Incluíam-se, entre elas, viúvas e órfãos, mas também doentes crônicos e portadores de deficiência, como cegos, paralíticos, leprosos. (STEGEMANN, E. W.; STEGEMANN, W., 2004, p. 114). Assim, o campo semântico do termo grego *οἱ πτωχοὶ* / *hoi ptōchoi* /, “os pobres”, abrange exatamente os mais pobres, débeis, indigentes, desvalidos, necessitados, enfim, os que estão abaixo do índice de pobreza, os miseráveis.

2 “BEM-AVENTURADOS OS POBRES NO ESPÍRITO”

Mt 5,3 se refere às pessoas que são “absolutamente” pobres em relação “ao espírito”, conforme a tradução do grego τῷ πνεύματι. Comparando Mt 5,3 com Mt 5,8 “Bem-aventurados os puros no coração”, isto é, “em relação ao coração”, temos aqui um dativo de relação; semelhante “aos puros no coração”, a expressão “pobres no espírito” refere-se ao lugar onde reside a extrema pobreza deles: o espírito humano, isto é, o mais íntimo do ser. A expressão está escrita no dativo de relação. Dativo, nas línguas que têm declinações, como o grego, é o caso que designa a atribuição ou a destinação que remete a outros termos. Assim, pobres “no espírito”, isto é, “em relação ao espírito”, remete ao lugar onde reside a pobreza deles, o “espírito” (ZEILINGER, 2008, p. 46-47).

O termo “espírito”, em grego πνεύμα / *pneúma* /, é muito semelhante ao termo hebraico do Antigo Testamento, רוּחַ / *rūah* /, que significa “vento”, “sopro vital”, o princípio da vida e da atividade (MACKENZIE, 1983, verbete “espírito”, p. 303). Essa palavra hebraica de gênero feminino, *rūah*, que foi vertida para o grego *pneuma*, e para o latim *spiritus*, acentua a dimensão do dinamismo em movimento, tal como se pode perceber como energia de vida da forma mais originária no “vento” e “respiração” (EICHER, 1993, p. 243-244). “Espírito”, interpretado como “princípio de vida”, sopro vital, faz parte da essência de Deus e é concedido como dádiva divina. Como procede do próprio Deus, origem de tudo quanto existe no cosmos, é vitalidade, poder, força capaz de gerar coragem e ânimo para as atividades na vida.

Desse modo, Mt 5,3 pobres “no espírito”, faz referência ao espírito humano, que determina e assinala o mais íntimo do ser. Tal pobreza pode expressar-se no fato de uma pessoa achar-se numa indigência tão grande que perde a essência de si mesma, sentindo-se esmorecida, sem força (vitalidade) para se soerguer. Tal indigência extrema, que toca o âmago do ser, pode

expressar-se no fato de a pessoa achar-se “desamparada”, sem saber mais o que fazer da vida, no fundo do fosso. Trata-se de uma pobreza tão dolorosa quanto a pobreza material. Desse modo, a pobreza em relação ao espírito é experimentada subjetivamente como insucesso, inferioridade, frustração, crise existencial, ligadas à sensação de indiferença, de desprezo e de exclusão. (ZEILINGER, 2008, p. 47). Por conta da infelicidade em que vivem, tais pessoas são bem-aventuradas porque, no Reino de Deus que já chegou por meio da práxis de Jesus, recebem a misericordiosa justiça divina.

“Pobres em relação ao espírito”, pode indicar também as pessoas que, no fundo do fosso de sua indignância, abrem-se ao Espírito, isto é, põem-se em relação de abertura ao Espírito de Deus. São bem-aventuradas porque, em sua situação de penúria, cultivaram a esperança. Por isso serão consolados com a chegada definitiva do Reino dos Céus, conforme a sequência das bem-aventuranças, *“Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”* (Mt 5,5). Pode-se perceber uma perfeita sintonia entre essas bem-aventuranças e a referência que Isaías faz ao Espírito do Senhor (61,1-2): *“O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração [...], a fim de consolar todos os enlutados”*. Os pobres que se abrem ao Espírito são bem-aventurados porque, por meio de Jesus, o ungido e enviado pelo Espírito de Deus, já saboreiam a restauração de sua vida, experimentando no aqui e agora os benefícios do Reino que provém dos Céus e se instaura neste mundo (ZEILINGER, 2008, p. 47).

Pobres “em relação ao espírito” pode também indicar as pessoas que, em sua busca de Deus, amarguram a experiência do silêncio de Deus, tal como o personagem Jó, em seu doloroso sofrimento, ao longo do livro homônimo, ou Jesus, durante sua morte de cruz (Mc 15,34), quando, em meio a trevas absolutas, brada com as palavras do Sl 22,2: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” Tais personagens sentem na própria pele a distância de Deus em sua “noite escura”, expressão de São

João da Cruz⁹. Temos aqui uma profunda indigência espiritual, no campo do relacionamento humano com Deus. A pessoa sofre porque, embora se empenhe na busca do Espírito, não consegue sentir a presença consoladora dessa Essência Divina. Encontram-se, por algum motivo, travadas espiritualmente, ou naquilo que poderíamos chamar de “depressão espiritual”. Em meio a tais sentimentos, essas pessoas são felizes com a chegada do Reino dos Céus porque poderão ver, finalmente, ao Deus que tanto buscaram ao longo de sua noite escura (ZEILINGER, 2008, p. 48).

Mas por que tais pessoas são designadas como bem-aventurados, em meio à pobreza material, socioeconômica, com graves consequências sociopsíquicas e sociorreligiosas? Como pode tal situação tornar alguém feliz?

A resposta está na própria frase da “bem-aventurança”. Os “absolutamente pobres” são felizes, bem-aventurados, porque recebem uma mensagem que lhes traz uma esperança: “deles é o Reino dos Céus”.

3 “BEM-AVENTURADOS OS POBRES NO ESPÍRITO, PORQUE DELES É O REINO...”

Os “pobres” são proclamados bem-aventurados porque o Deus Justo e Misericordioso, Iahweh, tal qual em Ex 3,7-8, viu a miséria do seu povo, ouviu seu grito por causa dos seus opressores, conhece as suas angústias, e desceu a fim de libertá-lo por meio do seu Ungido, Enviado. (FABRIS, 1988, p. 113).

A razão das bem-aventuranças é o Reino: “Reino dos Céus” (Mt 5,3) ou “Reino de Deus” (Lc 6,20b). O “Reino” é, sem dúvida,

⁹ A Noite escura da alma (em castelhano *La noche oscura del alma*) é um poema escrito no século XVI pelo poeta espanhol e místico cristão São João da Cruz. O poema narra a dura jornada espiritual do ser humano até a união com Deus. A jornada é referida como “Noite Escura”, pois a escuridão representa as dificuldades humanas em desaparecer-se do mundo e atingir a felicidade plena (bem-aventurança) junto a Deus.

um tema muito importante nos Evangelhos. Segundo Giuseppe Barbaglio, é provável que os grupos que escreveram os Evangelhos se apoiaram em fontes cristãs que atestam como dado histórico que Jesus não somente falou do Reino, mas também fez dele o tema central de sua pregação. (2001, p. 262).

Em Mateus, a expressão “Reino dos Céus” aponta para a origem do Reino, que vem dos Céus e, portanto, “não é deste mundo”. Essa é uma ideia que foi desenvolvendo-se entre os primeiros cristãos, ao ponto de que no Evangelho de João, escrito no final do século I, encontramos a seguinte narrativa do interrogatório sumário feito por Pilatos: “Tu és o rei dos Judeus”, Jesus respondeu: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue... Meu reino não é daqui” (Jo 18,33.36). O Reino que Jesus anuncia é dos Céus, vem de Deus e não segue os critérios deste mundo. Um exemplo disso é que os pobres nesse Reino são felizes.

Portanto, o “Reino dos Céus” é o mesmo “Reino de Deus” que vem do Alto e se instaura neste mundo por meio da práxis de Jesus e do seu movimento itinerante pela Palestina do século I, sob domínio do maior Reino deste mundo até então, o Império Romano. Reza Aslan (2013, p. 254) reforça essa tese ao afirmar que “Reino dos Céus” em Mateus é apenas circunlóquio (forma que exprime uma ideia de modo indireto), para expressar o sentido de “Reino de Deus”. Segundo o autor, as expressões “significam a mesma coisa”.

Giuseppe Barbaglio (2011, p. 263-264), a partir da contribuição de diversos autores, faz algumas considerações importantes sobre o significado de Reino de Deus. Defende o autor que a concepção de um Reino, cujo Deus é o Senhor, como evento puramente futuro para o fim (ἔσχατον / *eschaton*) dos tempos (escatologia consequente) se contrapõe a um Reino de Deus como realidade só presente (escatologia realizada). Com a prática de Jesus, o fim, ἔσχατον / *eschaton* /, passou do futuro para o presente, da ansiosa espera à experiência realizada. Uma outra concepção,

mais conhecida, que veio a seguir, afirma o Reino de Deus como evento futuro mas, em certo modo, já presente (escatologia atualizante). Contudo, hoje, no terceiro estágio da pesquisa do Jesus histórico, a compreensão sobre o significado do Reino de Deus não toma a forma de um evento apocalíptico que ocorreria num futuro iminente, mas representa um modo de vida para o presente imediato. Nesse sentido, Jesus teria sido um mestre de sabedoria não convencional, sabedoria subversiva e alternativa que subverteu o sentido da vida humana e a práxis das pessoas no seu contexto histórico. Nessa linha, a originalidade de Jesus não está em ter iniciado a proclamação do Reino de Deus; essa concepção já estava presente, por exemplo, em Dn 2,40: "...o Deus do Céu suscitará um reino que jamais será destruído". A originalidade do anúncio de Jesus reside na sua convicção de que o Reino de Deus fez irrupção na história.

“Deles [os pobres] é o Reino”. Quando o reinado de Deus irrompe em meio aos conflitos da história por meio das ações e palavras de Jesus de Nazaré, os pobres são chamados de felizes porque finalmente experimentam viver a dignidade de filhos e filhas de Deus. Isso é uma mudança radical porque, segundo os critérios dos Reinos e Impérios deste mundo, são justamente essas pessoas as infelizes excluídas. Assim, a prática de Jesus pode ser interpretada como um protesto contra o mecanismo de exclusão deste mundo. Esse protesto é articulado no anúncio do Reino, não apenas por Jesus, mas também por seus discípulos e discípulas. (THEISSEN, 2002, p. 404).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado neste artigo evidencia que as bem-aventuranças de Mateus estão inseridas no contexto de instauração do Reino que vem do Alto (Reino dos Céus, Reino de Deus), elemento central da prática sociorreliosa de Jesus, por meio de uma ética que se expressa na compaixão e na misericórdia para com as pessoas empobrecidas do seu contexto.

Tal prática deve ser concebida como paradigma interpelador à práxis cristã, uma vez que ressoam como boa notícia não só para os pobres, mas para o discipulado de Jesus e para todas as pessoas de boa-vontade que sonham com outro mundo possível. Nesse aspecto, é importante testemunho de humanismo que se inspira na ética solidária, bem como paradigma à práxis do discipulado. Ser discípulo e discipula de Jesus consiste em gratuita, compassiva, solidária e amorosamente, fazer os pobres bem-aventurados, concretizando o Reino de Deus no cotidiano do Reino de Herodes, transpassado e estigmatizado pela lógica individualista da luta pela sobrevivência, em que cada um se preocupa apenas com a própria sorte na vida.

Nesse, e em tantos contextos semelhantes, o que fazer, então, objetivamente, para se cultivar o compromisso solidário para como os pobres? O teólogo José Comblin (2004, p. 155-166) sugere, pelo menos, três aspectos profundamente interligados que, de algum modo, têm tudo a ver com o que foi apresentado neste artigo: inculturação, compaixão e ação.

1º) Inculturação. Os pobres estão circunscritos a uma cultura própria que, para conhecê-la, compreendê-la, exige respeitosa aproximação da realidade em que estão inseridos. Conhecer as pessoas e o contexto social em que estão inseridas é, portanto, um primeiro passo para se perceber não apenas os problemas locais, mas, sobretudo os valores que já existem e que precisam ser cultivados. Para acessar o mundo dos pobres é preciso sentir-se frágil, sem segurança, sem pretensão, sem confiar nas informações que se pressupõe ter. Somente assim é possível se fazer aquilo que chamamos de inculturação.

2º) Compaixão. A aproximação inculturada na cultura dos pobres gera, gradativamente, um forte sentimento de compaixão. Não se trata aqui de compaixão pelos números, pelas estatísticas, pelos discursos, ou pelos estudos sociológicos sobre a miséria. A verdadeira compaixão é consequência do contato pessoal capaz de criar laços de compromisso pessoal. Foi talvez a ausência dessa vivência, dessa participação direta nos sofrimentos do povo que fez com que tantos revolucionários abandonassem a causa que haviam assumido com entusiasmo na juventude.

3º) Ação: fazer algo em prol da vida. A consequência natural da inculturação e da compaixão é a participação real na luta pela inclusão social da comunidade, visando a melhorar as condições de vida local e, sobretudo, propiciar aos mais jovens, por meio da educação, oportunidades de aprimoramento técnico e formação superior, a fim de que tais pessoas possam adquirir condições reais para lutar por sua inclusão social.

Por meio da inculturação, compaixão e ação, dar-se-á continuidade à construção do Reino de Deus, novas relações sociais em que os pobres – finalmente – serão bem-aventurados. A pobreza, portanto, na perspectiva das bem-aventuranças, não é para ser cultivada como um ideal de vida, mas deve ser tomada como interpelação à práxis fundamentada na compaixão solidária, por questão de justiça.

Então, bem-aventurados são os “pobres” porque deles é o Reino de Deus, Reino que vem dos Céus e se instaura definitivamente na terra por meio da práxis solidária dos discípulos e discípulas de Jesus e das pessoas de boa-vontade. Os Evangelhos foram escritos, sem dúvida, para incentivar as pessoas de fé cristã a se sentirem comprometidos com essa causa.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. Zelota. **A vida e a época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARBAGLIO, Giuseppe. O Evangelho de Mateus. In: **Os Evangelhos (I)**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CENTRO: “INFORMÁTICA E BÍBLIA” ABADIA DE MAREDSOUS. Dicionário ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, Paulinas; Santo André: Academia Cristã, 2013

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. **O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2004.

DESILVA, David A. **A esperança da glória**. Reflexões sobre a honra e a interpretação do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2005.

EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.

FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988.

HORSLEY, Richard. **Jesus e a Espiral da Violência: Resistência Judaica Popular na Palestina Romana**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2004.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese Bíblica: teoria e prática.** São Paulo: Paulinas, 2014.

MANIATOGLU, Maria da Piedade Faria. **Dicionário de Grego-Português.** Porto: Porto Editora, 2010.

MACKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Paulinas, 1983

MYERS, Ched. **O Evangelho de Marcos.** São Paulo: Paulinas, 1992. 570 p.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GRECO PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

O NOVO TESTAMENTO GREGO ANALÍTICO. São Paulo: Vida Nova, 1987.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: Aproximação História.** Petrópolis: Vozes, 2010.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2008.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação.** São Paulo: Paulinas, 2008.

STEWGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

TAYLOR, W.C. **Dicionário do Novo Testamento Grego.** Rio de Janeiro: Juerp, 1991.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual.** São Paulo: Loyola, 2002.

ZEILINGER, Franz. **Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha (Mt 5-7).** São Paulo: Paulinas, 2008.

WEGNER, Uwe. Trabalhador e trabalho: Justiça para os desempregados – Reflexões sobre Mt 20,1-15. **Estudos Bíblicos**, 11, Petrópolis: Vozes, 1986, p. 92-109.